

as forças marítimas protestantes e católicas-ibéricas, defendendo a “liberdade” e tendo em vista a substituição do monopólio luso-espanhol pelo monopólio próprio; o autor distingue, porém, entre o que parece pura camuflagem e a auto-dinâmica e independência que tais doutrinas assumem (p. 68-69). Sir Walter Raleigh, grande navegador e importante escritor da época elisabetana, formulou de forma clássica esta máxima clássica da política inglesa: “For whoever commands the sea commands the trade; whoever commands the trade of the world commands the riches of the world, and consequently the world itself” (p. 119).

A publicação do professor Heinz Gollwitzer deve ser considerada, sem dúvida, como uma obra pioneira de maior interesse e mérito, e que deverá tornar-se, não temos dúvida, um livro clássico da história das idéias e da política mundial.

JOHANNES AUGEL

* * *

DEUTCHER (Isaac). — *Las raíces de la burocracia*. Editorial Anagrama. Barcelona. 970. Coleção “Cuadernos Anagrama” nº 1. Série “Documentos”.

O “caderno” compõem-se de três conferências sôbre o tema “burocracia” pronunciadas em 1960 na *London School of Economics*.

A burocratização crescente das sociedades contemporâneas ocupa a posição central nas conferências e no pensamento teórico político em geral. O fenômeno é observável não só nas sociedades “ocidentais” onde teóricos chegam a afirmar que um “sistema gerencial” quase chega a substituir o capitalismo, como também nas sociedades “pós-capitalistas” do bloco soviético, especialmente na União Soviética.

O fenômeno só foi examinado de forma parcial pelos teóricos políticos e faz-se necessário formular uma “teoria da burocracia”, mais completa e satisfatória do que as existentes. O “campeão da burocracia” no ocidente, Max Weber, formulou suas teses “viciadas” pela situação objetiva em que viveu. Pensadas que foram no interior da mais burocrática organização política que se tem conhecimento, o Estado Prussiano, projetam essa situação numa construção teórica generalizadora sem muito rigor histórico. O modelo burocrático prussiano, ainda que possua verdades universais, não abrange toda a verdade da burocracia.

Essa limitação teórica por uma determinada situação objetiva, precisa de ser superada.

Num outro limite, temos a concepção anarquista da burocracia e do Estado, cujos representantes mais ilustres (Proudon, Bakunin e Kropotkin) teorizam a rebelião intelectual da França e da Rússia contra a burocracia.

No caso, a burocracia foi entendida como encarnação mesma de todo o mal da sociedade que não pode desaparecer sem que seja destruído o Estado.

Nesse sentido existiram pontos de contato entre o marxismo e o anarquismo? Afinal, o marxismo não propõe, ele também, a extinção do Estado? Eis um problema a ser analisado.

As conferências levantam ainda outras questões: as relações entre o marxismo “clássico” e o fenômeno burocrático, e o marxismo frente a burocracia pós revolucionária, ocupam, por exemplo, uma conferência inteira.

Os fatores históricos do poder burocrático atual, sua supremacia política na sociedade moderna, e porque até hoje nenhuma revolução logrou liquidar o poder da burocracia, são outros temas submetidos a exame pelo autor.

A análise das raízes da burocracia é realizada a partir do problema da reificação das relações humanas, com o aparecimento de “vida” em “coisas”. A burocracia pode ser analisada a partir dessa perspectiva. Entendida como um aparato impessoal e hostil que adquiriu vida e poder sobre os seres humanos, suas origens encontram-se no momento em que o trabalho foi dividido entre manual e intelectual. Criou-se assim o fosso entre organizadores e organizados, ou, em nossos dias, entre o operário e o burocrata.

Assim, a burocracia é tão velha quanto a civilização e nesse sentido, existiu sempre. Variou, é claro, de intensidade, conforme as épocas e, seu apogeu, como poder político, foi atingido com o advento do capitalismo.

A burocracia igualmente não desaparecerá. Ela é elemento essencial a qualquer sociedade que apresente uma divisão de trabalho manual e intelectual. Não se pode mais “pensar” uma sociedade sem sua burocracia. Sua existência como organizadora da produção social não pode faltar, sob o risco de desintegrar-se o corpo social.

Nem tão pouco a burocracia pode ser entendida como uma limitação à sociedade comunista. Para o autor “si la burocracia era un débil prelúdio de la sociedad classista, la burocracia caracterizará el cruel y feroz epílogo — pero al fin y al cabo epílogo — de la sociedad classista”. O período é ousado e só pode ser compreendido a partir de uma análise crítica do marxismo “clássico” que não enfrentou o problema da burocracia, nem prática, nem teoricamente.

O problema do Estado organizado como “ditadura do proletariado” não esgota o problema burocrático. O marxismo clássico negligenciou o problema burocrático. A situação objetiva do século XIX não propunha ao pensamento esse aspecto da organização do Estado. O marxismo clássico encarava até com

certo otimismo essa organização, pois até um simples cozinheiro seria capaz de fazer funcionar o aparelho estatal...

A história posterior da burocracia e seu recrudescimento aí estão para demonstrar a negligência dos “clássicos” frente à questão.

Nesse ponto ressurge e adquire importância fundamental para o pensamento, a teoria da extinção do Estado. Para Marx isso significava a extinção do *Estado político*, ou seja, o Estado seria despojado de seu aspecto político de dominação de uma classe sobre o conjunto da sociedade.

Quando a sociedade, revolucionariamente, chegar a despojar do Estado o seu conteúdo político, permanecerá apenas o Estado administrador do processo da produção, o aparelho burocrático que realizará a sociedade não classista.

FLÁVIO V. LUIZETTO

* * *

NEVES (L. F. Baeta) (organizado por). — *Estruturalismo e Teoria da Linguagem*. Petrópolis. Editora Vozes Limitada. 1971.

Pertencente à coleção *Epistemologia e Pensamento Contemporâneo*, o volume *Estruturalismo e Teoria da Linguagem* se compõe da tradução, por Luiz Felipe Baeta Neves, de *Archeologie des Sciences* de Michel Foucault, texto em resposta às questões colocadas pelo Círculo de Epistemologia da Escola Normal Superior de Paris, e que se encontra nos *Cahiers pour l'Analyse* nº 9 (1968) dedicado à genealogia das ciências; e de quatro ensaios centrados na discussão, frente ao “estruturalismo”, dos pressupostos para a formulação de uma teoria do discurso.

A tradução do texto de Michel Foucault é de grande importância tanto para aqueles preocupados com os problemas de uma epistemologia contemporânea, como para os que se preocupam com a formulação de uma metodologia de análise e uma teoria do discurso. O Autor discute problemas de extrema importância como o das relações entre estrutura e história e o do atual estatuto da noção de descontinuidade nas disciplinas históricas; e inicia, a explicitação do método de análise do discurso desenvolvido à partir dos modelos construídos como resultado de suas pesquisas (1), e a formulação da teoria que informa seus trabalhos (assunto que depois desenvolveria melhor em *L'Archeologie du Savoir*) (2).

(1). — *Histoire de la folie à l'âge classique*. Paris. Editions Gallimard. 1972 (2ª ed.); *Naissance de la Clinique*. Paris. P. U. F., 1963; *Les Mots et le Choses*. Paris. Gallimard. 1966.

(2). — Michel Foucault, *L'Archeologie du savoir*. Paris. Gallimard. 1969.